



HAL
open science

Alguns olhares gregos sobre as estações do ano: a temporalidade e o etnocentrismo

Henrique Fortuna Cairus, Tatiana Oliveira Ribeiro

► To cite this version:

Henrique Fortuna Cairus, Tatiana Oliveira Ribeiro. Alguns olhares gregos sobre as estações do ano: a temporalidade e o etnocentrismo. *Revista Interfaces*, 2015, 22 (1). halshs-01571271

HAL Id: halshs-01571271

<https://shs.hal.science/halshs-01571271>

Submitted on 5 Aug 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

ALGUNS OLHARES GREGOS SOBRE AS ESTAÇÕES DO ANO: A TEMPORALIDADE E O ETNOCENTRISMO

SOME GREEK VIEWS ON SEASONS:
TEMPORALITY AND ETHNOCENTRISM

Henrique Fortuna Cairus¹
Tatiana Oliveira Ribeiro²

RESUMO: Tenta-se neste artigo uma sistematização de dois aspectos da apreciação grega das estações do ano, a saber, a relação das estações do ano com a interpretação do tempo cronológico (linear, cíclico e misto), e a relação entre as estações e o seu viés climático com o *êthos* e o *éthnos*.

PALAVRAS-CHAVE: estações do ano; literatura grega antiga; temporalidade; determinismo; etnocentrismo.

ABSTRACT: *The text attempts a systematization of two aspects of Greek appreciation of the seasons, namely, the connection between seasons and the interpretation of chronological time (linear, cyclical and mixed), and the association of seasons and their climatic aspect with êthos and éthnos.*

KEYWORDS: *seasons; ancient Greek literature; temporality; determinism; ethnocentrism.*

DOIS ÂNGULOS DE UM MESMO FENÔMENO: TEMPO E CLIMA

A palavra *tempo* guarda certa plurivocidade ou, para sermos mais precisos, uma extensão que, para além de qualquer ambiguidade, propõe um elo entre o ser e o estar; entre a permanência cíclica do clima e a efemeridade do estado, que é o inevitável percurso pelo caminho da inconstância e da vicissitude em direção à finitude. As estações do ano, a que os gregos deram o nome *horas* – hoje tão expressivo do princípio cronológico –, também tinham uma extensão bem próxima ao nosso próprio conceito de *tempo*.

As estações do ano, nos textos médicos legados pela Antiguidade, estão entrelaçadas na ideia de ciclicidade temporal. São as ondas pelas quais a frágil nau de

1 Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999). Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-graduação em Filosofia. hcairus@ufrj.br

2 Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro. tribeiro@letras.ufrj.br

nossos corpos conduzem, cada vez mais precariamente, nossas vidas. São sempre as mesmas, são previsíveis; mas essa sua previsibilidade não confere segurança ao vivente, senão ao médico. Cabe ao médico negociar com a natureza e esquivar-se das adversidades específicas e gerais; adversidades, enfim, oriundas do meio ambiente e dos erros humanos na relação com esse meio.

As estações, vistas pelo ângulo sobretudo de alguns historiadores antigos, têm também o encargo de assinalar o lapso temporal, de demarcar o ano, e, por conseguinte, o tempo que corre linearmente. É marcante, nesse sentido o uso que Tucídides, seguindo, em parte, o modelo de Heródoto (I, 189; I, 202, VI, 43, etc³) faz das estações (verão e inverno, mas sobretudo o verão) para demarcar a passagem do tempo. Sua narrativa é toda pontuada pelos genitivos temporais que indicam a passagem do tempo por meio das estações (“no verão imediatamente seguinte”, “no outro verão”, “no mesmo verão”, “no inverno seguinte”, etc).

Nesses autores, ao contrário do que ocorre entre os tratadistas médicos, um verão é único, e não se repete jamais, porque naquele verão especificamente houve o que jamais houvera ou haverá. Em outras palavras, as estações servem para inscrever o homem no tempo, e, por isso, servem o homem; ao passo que, entre os autores médicos, o homem deve saber ler as estações e delas tirar o proveito possível; evitar os males delas provenientes, e, assim, tais autores colocam o homem sob o efeito das estações.

CLIMA, CORPOREIDADE, INTERPRETAÇÕES

Muitos fatores concorrem para o grande interesse que os estudiosos do pensamento ocidental e, em especial, de suas ramificações na medicina têm pelo tratado hipocrático *Ares, águas e lugares*. De fato, é esse tratado, dentre tudo que nos chegou da Antiguidade grega, que expõe com maior clareza e precisão – nas linhas, não nas entrelinhas – uma prescrição para a relação entre o homem e o ambiente.

Esse tema, de certa forma tão atual, está presente em inúmeros textos da Antiguidade grega, mas sobretudo nos tratados médicos e nas narrativas históricas. Dentre os tratados médicos, dois enfatizam esse tema, o citado *Ares, águas e lugares* e o *Da doença sagrada*, provavelmente, do mesmo autor, jamais nomeado. O tratado *Da doença sagrada* (i.e., sobre as doenças de sintomática convulsiva),

3 Em Heródoto, as estações intermediárias (primavera e outono) parecem ter o papel principal – porém não exclusivo – de marcar o tempo dentro do ano, e não entre os anos, como as estações mais extremas (verão e inverno), como em I, 77, por exemplo.

no que tange ao tema em pauta, não faz senão nortear-se sobre as ideias que são explanadas no tratado *Ares, águas e lugares*.

As ideias sobre a relação entre o homem e o meio presentes nos textos hipocráticos trazem ecos ocasionais das tradições e elementos constantes dos costumes. Assim, encontramos, como há de se ver adiante, as quatro estações fortemente relacionadas ao *êthos* – tanto no *corpus* médico, quanto em alguns textos historiográficos dos séculos V e IV a.C. – e às duas concepções primordiais de tempo, a linear e a cíclica.⁴ A ciclicidade do tempo, marcada e significada pelas estações do ano, fica especialmente evidenciada pela descrição do Egito, e, em particular, pela descrição do Nilo (por exemplo, em II, 19; II, 25; II, 26, etc). Essas concepções, no entanto, nem sempre andam separadas, e desde Homero são unidas, e o são por meio das estações do ano:

Τὸν δ' αὖθ' Ἴππολόχοιο προσηύδα φαίδιμος υἱός·
Τυδεΐδη μεγάθυμε τί ἦ γενεὴν ἐρεεῖνεις;
οἷη περ φύλλων γενεὴ τοιῆ δὲ καὶ ἀνδρῶν.
φύλλα τὰ μὲν τ' ἄνεμος χαμάδις χέει, ἄλλα δέ θ' ὕλη
τηλεθώσα φύει, ἕαρος δ' ἐπιγίνεται ὥρη·
ὡς ἀνδρῶν γενεὴ ἦ μὲν φύει ἦ δ' ἀπολήγει.
(*Ilíada*, VI, vv.144-49)

Disse-lhe o ilustre filho de Hipóloco:
Magnânimo Tidida, por que perguntas minha origem?
Como a geração das folhas é também a dos homens.
Um as folhas, o vento à terra as lança; outras, a floresta
abundante faz nascer, quando chega a estação da primavera.
Assim é a geração dos homens; uma nasce, outra se vai.⁵

Seguindo o ensinamento de Aristóteles (*Poética*, 1447a), comecemos, πρῶτον ἀπὸ τῶν πρώτων, pela citação que Heródoto (IV, 23) faz de Homero (*Od.*, IV, 85), onde se lê que, na Líbia, os cornos do armento lhe nascem muito cedo. Não há referência às estações, não há referências a homens, mas é nesse ponto que quer chegar o Historiador de Halicarnasso, que, nessa passagem, descreve os Citas, sublinhando a interferência da *phýsis*, para respaldar sua sugestão de formação de determinado *êthos*.

As relações que Heródoto sugere são explicitadas pelo tratado *Ares, águas e lugares* (AAL), que apresenta, logo em seu início, uma referência às estações. As estações do ano devem, segundo o autor hipocrático, estar no princípio da ótica

4 Devemos, nesse aspecto, à Tese doutoral de Helena Mollo: *O círculo e a linha: o conceito de tempo em Eurípidés*. UFRJ, 2001.

5 Todas as traduções cujos tradutores não estejam assinalados são dos autores.

médica, mas a ênfase deve ser a ἀπεργασία (*apergasía*), ou seja, o conjunto de efeitos das estações, e de seus efeitos no homem, como ficará bem claro.

Em segundo lugar – e isso só aparecerá no segundo livro do tratado – será preciso observar o nascimento e o ocaso dos astros. Mas as estações continuam a ser o primeiro fator a ser observado:

εἰδῶς γὰρ τῶν ὥρέων τὰς μεταβολὰς καὶ τῶν ἄστρον τὰς ἐπιτολάς τε καὶ δύσιας, καθότι ἕκαστον τούτων γίνεται, προειδείη ἂν τὸ ἔτος ὁκοῖόν τι μέλλει γίνεσθαι. οὕτως ἂν τις ἐννοεῦμενος καὶ προγινώσκων τοὺς καιροὺς μάλιστ' ἂν εἰδείη περὶ ἐκάστου καὶ τὰ πλείστα τυγχάνοι τῆς ὑγιείης καὶ κατορθοῖη οὐκ ἐλάχιστα ἐν τῇ τέχνῃ. εἰ δὲ δοκέοι τις ταῦτα μετεωρολόγια εἶναι, εἰ μετασταίῃ τῆς γνώμης, μάθοι ἂν, ὅτι οὐκ ἐλάχιστον μέρος συμβάλλεται ἀστρονομίῃ ἐς ἰητρικὴν, ἀλλὰ πάνυ πλείστον. ἅμα γὰρ τῆσιν ὥρησι καὶ αἰ νοῦσοι καὶ αἰ κοιλία μεταβάλλουσιν τοῖσιν ἀνθρώποισιν. (AAL, II, 2-3)

Tendo tomado conhecimento das mudanças das estações, e dos nascimentos e ocasos dos astros, e de como cada um deles ocorre, poderá saber de antemão como será o ano. Alguém que se propuser a perquirir dessa maneira e for conhecedor prévio das ocasiões oportunas poderá saber sobre cada caso e obter frequentemente a saúde, e não menos raramente agir com correção em sua arte. Se alguém considerar que esses temas são muito estratosféricos, se ele mudar de opinião poderá aprender que a astronomia tem lugar na medicina, e não um lugar pequeno, mas realmente grande; pois as doenças e as cavidades mudam nos homens de acordo com as estações do ano.⁶

Esse interesse do tratadista pelas estações do ano se deve sobretudo – mas não só – ao fato de ele as ter como um agente nosogênico, como fica claro no final do livro III: “Estas são, então, as enfermidades locais para elas. Afora isso, se alguma enfermidade comum a todos se apoderar (da cidade) a partir de uma mudança das estações, eles (os que passaram de 50 anos) tomam parte nessa”. Tal nosogenia se deve ao fato de que, “as cavidades nos homens (i.e., os órgãos internos) mudam de acordo com as estações do ano” (AAL, II, 3).

É, contudo, no décimo Livro do tratado, que encontramos uma verdadeira teoria médica sobre as estações do ano:

περὶ δὲ τῶν ὥρέων ᾧδε ἂν τις ἐνθυμεῦμενος διαγινώσκῃ, ὁκοῖόν τι μέλλει ἔσεσθαι τὸ ἔτος, εἴτε νοσερὸν εἴτε ὑγιερὸν· ἦν μὲν γὰρ κατὰ λόγον γένηται τὰ σημεῖα ἐπὶ τοῖς ἄστροισι δύνουσί τε καὶ ἐπιτέλλουσιν, ἔν τε τῷ μετοπῶρῳ ὕδατα γένηται, καὶ ὁ χειμῶν μέτριος καὶ μήτε λίην εὐδῖος μήτε ὑπερβάλλον τὸν καιρὸν τῷ ψύχει, ἔν τε τῷ ἦρι ὕδατα γένηται ὠραῖα καὶ ἐν τῷ θερεί, οὕτω τὸ ἔτος ὑγιεινότατον εἰκὸς εἶναι. ἦν δὲ ὁ μὲν χειμῶν αὐχημρὸς καὶ βόρειος γένηται, τὸ δὲ ἦρ ἔπομβρον καὶ νότιον, ἀνάγκη τὸ θέρος πυρετώδες γίνεσθαι καὶ ὀφθαλμίας καὶ δυσεντερίας ἐμποιεῖν. ὁκόταν γὰρ τὸ

6 As traduções do tratado *Ares, águas e lugares* são dos autores do artigo, e foram publicadas na obra CAIRUS & RIBEIRO Jr. (2005).

πνίγος ἐπιγένηται ἐξαίφνης τῆς τε γῆς ὑγρῆς ἐούσης ὑπὸ τῶν ὀμβρῶν τῶν ἐαρινῶν καὶ ὑπὸ τοῦ νότου, ἀνάγκη διπλόον τὸ καῦμα εἶναι, ἀπὸ τε τῆς γῆς διαβρόχου ἐούσης καὶ θερμοῦ καὶ ὑπὸ τοῦ ἡλίου καίοντος. (AAL, X,1-3)

Sobre as estações, alguém refletindo, poderia discernir o que vem a ser o ano, seja o insalubre, seja o saudável. 2. Se, pois, os sinais sobre o ocaso e o ortivo são regulares,⁷ e se no outono houver chuvas e o inverno for moderado, nem muito tranquilo, nem de um frio excessivo, e se na primavera as chuvas forem oportunas, assim como no verão, então é normal que o ano seja muito saudável. 3. Se o inverno é seco e boreal, mas a primavera é chuvosa e austral, é necessário que o verão seja propício às febres e que produza tanto oftalmias quanto disenterias. Quando, de fato, a canícula sobrevém repentinamente, enquanto a terra estiver úmida sob as chuvas primaverais e sob o Noto, é necessário que o calor escaldante seja duplo e proveniente da terra encharcada e quente e sob a ação do sol escaldante.

As estações do ano são uma ação inexorável de uma *phýsis* com a qual o homem deve dialogar a partir de seu instrumental, de seus artificios, entre os quais a arquitetura⁸ e as ferramentas da medicina, a saber, a dietética⁹ e a fármaco.

No décimo capítulo do tratado *Ares, águas e lugares*, encontram-se cinco descrições de configurações maléficas:

- inverno seco e boreal, seguido de um inverno chuvoso e austral;
- inverno austral e chuvoso seguido de uma primavera boreal e seca;
- verão seco e austral, outono semelhante;
- verão seco e austral, outono chuvoso e boreal, e
- verão boreal e seco, outono seco.

7 Em grego, *katà lógon* (lit. ‘conforme o lógos’).

8 É preciso lembrar aqui que Vitruvius (I séc. a.C.), inegavelmente influenciado pelo tratado *Ares, águas e lugares*, escreveu:

Disciplinam vero medicinae novisse oportet propter inclinationem caeli, quae Graeci κλίματα dicunt, et aeris et locorum, qui sunt salubres aut pestilentes, aquarumque usus; sine his enim rationibus nulla salubris habitatio fieri potest. Iura quoque nota habeat oportet, ea quae necessaria sunt aedificiis <locis> communibus parietum ad ambitum, stillicidiorum et cloacarum, luminum, item aquarum ductiones et cetera, quae eiusmodi sunt.

O arquiteto também deve ter um conhecimento do estudo da medicina em conta as questões do céu, que os gregos chamam de κλίματα, o ar, a salubridade e insalubridade dos locais, bem como a utilização de águas diferentes. Pois sem essas considerações, a salubridade de uma habitação não pode ser assegurada. E quanto a princípios de direito, ele deve saber aqueles que são necessários no caso de edifícios com paredes do partido, no que diz respeito à água pingando dos beirais, e também as leis sobre drenos, janelas e abastecimento de água. (*De architectura* 1,1,10)

9 A dietética grega antiga prescrevia todos os atos deliberados da vida cotidiana, inclusive, mas não somente, a alimentação.

Do ponto de vista da arquitetura, as possibilidades de diálogo com essas circunstâncias seguiam os pontos cardeais básicos:

- construções voltadas para o Noto, vento quente do Sul, de acordo com o solstício invernal, ou seja, orientadas para o Sul (AAL, 3)
- construções voltadas para o Boreal, vento frio do Norte, de acordo com o solstício de verão, ou seja, orientadas para o Norte (AAL, 4)
- construções expostas ao nascer do Sol, ou seja, voltadas para o Oriente (AAL, 5)
- construções expostas ao pôr do sol, e que não recebem ventos do Leste, mas que estejam sujeitas lateralmente ao Boreal e ao Austral (AAL, 6)

O sistema quaternário em múltiplas combinações é fundamental tanto na interpretação da natureza (chamemos essa interpretação de *phýsis*, conquanto o conceito de *phýsis* pareça ultrapassar aqui e ali essa mesma interpretação) quanto no aparato proposto para dialogar com essa natureza. As estações anuais fazem parte desse esquema quaternário; integra-o e talvez até lhe seja regente.

A poesia coral de Píndaro (contemporâneo dos tratados médicos referidos acima) é um dos muitos testemunhos do papel das estações do ano como chave hermenêutica para o próprio homem:

<p>ἐν σχερῶ δ' οὐτ' ὦν μέλαινοι καρπὸν ἔδωκαν ἄρουραι, δένδρεά τ' οὐκ ἐθέλει πά- σαις ἐτέων περόδοις¹⁰ ἄνθος εὐώδες φέρειν πλούτῳ ἴσον, ἀλλ' ἐν ἀμείβοντι. καὶ θνατὸν οὕτως ἔθνος ἄγει μοῖρα.</p>	<p>e, no continente, nem as negras terras deram frutos, nem as árvores querem, em todas as estações dos anos, produzir uma flor olente e valiosa como a riqueza, mas sempre estão a mudar. Assim também o destino conduz a estirpe mortal.</p> <p>(PÍNDARO, <i>Odes Nemeias</i>, 11 (4o), vv. 49-55)</p>
--	--

A estrutura quaternária das estações se entrelaça a pelo menos quatro outras estruturas primitivamente quaternárias:

- quente, frio, seco e úmido;
- terra, água, fogo e ar (ou vento ou fumo);¹¹
- Noto (Sul), Boreas (Norte), Anatolé (Leste, Oriente) e Dymé (Este, Ocidente), às vezes ventos, às vezes apenas pontos cardeais, e

10 Note-se que aqui o termo usado para “estações do ano” é *περόδοι* (forma dórica para *περίοδοι*) *ἐτέων*.

11 É escusado dizer a importância atribuída a Empédocles na difusão desses conjuntos de “elementos”. Em, por exemplo, DK31 B 6, Aecio I. 3. 20; DK31 B 26, Simpl., *Fís.* 33. 18, e DK31A 28, Arist. *Met.* 984a.

– os humores: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela (em muitos tratados hipocráticos, mas sobretudo no *Da natureza do homem*. Ver CAIRUS, 1999)

Essas composições funcionam por interrelações em combinações múltiplas. Tais combinações, efetivamente interpretações da *phýsis*, regem atitudes humanas que também funcionam combinando – qualitativa e quantitativamente – os mesmos elementos.

No tratado *Da dieta*, um importante tratado médico datado do final do V ou do começo do IV séc. a.C., as estações do ano têm um papel fundamental. Elas figuram ali de uma forma análoga ao tratamento que lhes dá o *Da natureza do homem*. Em ambos os tratados, as estações do ano têm escopo de uma das variáveis que agem sobre a saúde – determinando-a – de forma tão diversa quanto forem as possibilidades de suas combinações. Estão em questão, pois, tanto num quanto noutro tratado, as possibilidades combinatórias entre esses fatores vários, que são muitas e, portanto, as estações do ano não têm relevância como peça fundamental de uma certa engrenagem.

No tratado *Da dieta* especificamente, há ainda um outro fator de complexidade: ora as estações do ano são apresentadas, ao modo dos tratados *Ares*, *águas e lugares* e *Da doença sagrada*, como algo da ordem da *phýsis*, com o qual temos de lidar (ou que temos de contornar, com engenho e arte); ora como elemento de uma composição que precisa simplesmente estar em harmonia, a partir de relações de oposição onde há dois conjuntos de variáveis: o binômio formado por fogo e água, e as estações do ano, e suas predicções respectivas (*ισχυρότης, πυκνότης, seus opostos etc*):

Ὅκοσα δὲ τῶν σωμάτων σύγκρησιν λαμβάνει πυρὸς τοῦ ἰσχυροτάτου καὶ ὕδατος τοῦ πυκνοτάτου, ἰσχυρὰ μὲν καὶ ἐρρωμένα τὰ σώματα γίνεται, δὲ πολλῆς δεόμενα· μεγάλας γὰρ τὰς μεταβολὰς ἔχει ἐπ’ ἀμφοτέρα, καὶ ἐν τῆσι τοῦ ὕδατος ἐφόδοισιν ἐς νοσήματα πίπτουσι, καὶ ἐν τῆσι τοῦ πυρὸς ὡσαύτως. Τοῖσιν οὖν διαιτήμασι ξυμφέροι χρέεσθαι τὸν τοιοῦτον πρὸς τὰς ὥρας τοῦ ἔτους ἐναντιούμενον, ὕδατος μὲν ἐφόδου γινομένης, τοῖσι πρὸς πυρὸς, πυρὸς δὲ ἐφόδου γενομένης, τοῖσι πρὸς ὕδατος χρέεσθαι, κατὰ μικρὸν μεθιστάντα μετὰ τῆς ὥρης. (*Da dieta*, I, 32.)

Todos os corpos que tomam sua composição do fogo mais forte e da água mais densa tornam-se fortes e vigorosos, mas requerendo muito cuidado. Têm, pois, mudanças de um a outro [estado], e tanto caem em doenças nos afluxos das águas quanto nos [afluxos] do fogo, de forma semelhante. A esse tipo de gente convém usar essas dietas em relação oposta às estações do ano: ocorrendo o fluxo de água, deve usar as dietas afins ao fogo, e, ocorrendo o fluxo de fogo, deve usar as dietas afins à água, variando pouco a pouco com a estação.

As predicções das estações do ano, no tratado *Da dieta*, são as mesmas do corpo que, contudo, deve ser reativo a essas, fazendo vaziar para o mundo físico uma dialética que dominava não só as práticas discursivas, mas também um estar no mundo daquela sociedade agonística, da qual, todavia, não temos senão as remanescências dessas mesmas práticas discursivas.

O ÉTICO E O ÉTNICO DIANTE DAS ESTAÇÕES DO ANO

As estações do ano, em suas manifestações climáticas, não são apenas influentes no corpo e no espírito, mas são determinantes da compleição física (ἡ μορφή ou τὸ εἶδος) e do caráter (τὸ ἦθος). O capítulo 22 do tratado *Ares, águas e lugares* prepara a argumentação em defesa do determinismo climático narrando o caso clínico dos citas anarieus.

Esse povo, também referido por Heródoto (I, 105,4 e IV, 67,4),¹² teria desaparecido por terem seus homens se tornado impotentes e se desinteressado pelas mulheres, e, por isso, segundo o autor do tratado, teriam assumido os trajes e as funções domésticas delas. Esse *êthos* feminino assumido por tais homens bem como a impotência são explicados pelo médico tratadista pelo hábito da cavalgada. Mas essa narrativa, além de remeter ao tema da sacralidade das doenças (explanado no tratado *Da doença sagrada*. CAIRUS & RIBEIRO JR., 2005), é apenas um aperitivo para a tese que foi reservada para o final do tratado.

A grande tese opõe a Europa à Ásia,¹³ e segue, nesse sentido, a esteira das Guerras Medo-Pérsicas, que, por sua vez, adotaram a Guerra de Troia como fator de inteligibilidade e agente legitimador. Europeus (gregos-identidade), de um lado, e asiáticos (bárbaros-alteridade), de outro, têm seus corpos e seus espíritos analisados a partir das marcas das estações dos anos, a começar pela própria delimitação entre elas.

A construção da dicotomia proposta pelo tratadista Hipócrates privilegia, por sua vez, o espaço e suas implicações – especialmente através do clima – na natureza humana. Assim o autor do tratado introduz o tema:

12 Heródoto se refere aqui à impotência desses povos, chamando-os de Enareus.

13 É importante lembrar que o tratado *Ares, águas e lugares* foi a base sistematizadora do tratado homônimo (*De Aëre, Aquis et Locis*) do holandês Guilherme Piso. Tal tratado correspondia ao título do primeiro volume de sua segunda edição (1658) do *Historia Naturalis Brasiliae* (*História Natural do Brasil*, cuja primeira edição conheceu o prelo em 1648), após sua própria revisão da revisão de João de Laet. A partir desse tratado, a fórmula “clima severo – bom *êthos* / clima ameno – mau *êthos*” foi se difundindo também na leitura que se construía dos trópicos, ao menos em certa parte – quiçá mais germânica – da Europa. (GUILIELMI PISONIS. *De medicina brasiliensi*, 1648).

βούλομαι δὲ περὶ τῆς Ἀσίας καὶ τῆς Εὐρώπης δεῖξαι ὅκόσον διαφέρουσιν ἀλλήλων ἐς τὰ πάντα καὶ περὶ τῶν ἐθνῶν τῆς μορφῆς, ὅτι διαλλάσσει καὶ μηδὲν ἔοικεν ἀλλήλοισιν. περὶ μὲν οὖν ἀπάντων πολὺς ἂν εἴη λόγος, περὶ δὲ τῶν μεγίστων καὶ πλείστον διαφερόντων ἔρέω ὥς μοι δοκεῖ ἔχειν. (2) τὴν Ἀσίην πλείστον διαφέρειν φημί τῆς Εὐρώπης ἐς τὰς φύσεις τῶν συμπάντων τῶν τε ἐκ τῆς γῆς φυομένων καὶ τῶν ἀνθρώπων. πολὺ γὰρ καλλίονα καὶ μέζονα πάντα γίνεται ἐν τῇ Ἀσίῃ, ἢ τε χώρη τῆς χώρης ἡμερωτέρῃ καὶ τὰ ἥθεα τῶν ἀνθρώπων ἡπιώτερα καὶ εὐοργητότερα. (AAL, XII, 1-2).

XII. 1. Desejo falar agora sobre a Ásia e a Europa, no quanto diferem mutuamente em todos os aspectos, e sobre a compleição (μορφή) dos povos, em que distinguem, sem que pareçam em nada entre si. O discurso sobre tudo isso seria muito longo, mas falarei sobre o que for mais importante e sobre o que for mais interessante, na medida em que assim me pareceram. 2. Afirmo que a Ásia difere mais da Europa no que concerne às naturezas de todas as coisas que brotam da terra e dos homens. Pois na Ásia, tudo é muito mais belo e maior; essa região é mais dócil e os caracteres dos homens mais amenos e mais afáveis.

A distinção, como pode ser facilmente notado, concerne à natureza da terra, em primeiro lugar, e, em segundo e por consequência, à do homem. O papel da natureza da terra, portanto, é um algo fatalista e imperativo, além de relacionar-se estreitamente com a esfera divina. É possível, contudo, ser grego na Ásia. É possível estar um grego na Ásia e cultivar o próprio *nómos*, o *nómos* grego, ou ainda melhor, a *autonomía*, no dizer do médico tratadista. É sempre o *nómos* moderando a natureza e testando os limites naturais. Mas o próprio *nómos* tem seu limite, e esse limite é dado pelo tempo, como mostra o famoso caso dos macrocéfalos. Dizer ‘asiático’ e ‘europeu’, ainda que isso pareça mais produtivo para a observação de certa ‘etnomedicina’ hipocrática do que dizer ‘grego’ e ‘bárbaro’, ainda não é suficiente para o resultado que o tratadista procura. É preciso descer bem mais às minúcias, e verificar, por um verdadeiro aristotelismo *avant la lettre*, as subcategorias que preenchem esses grandes conceitos étnicos e espaciais, que são ‘asiático’ e ‘europeu’.

“Os asiáticos são mais inaptos para a guerra do que os europeus, e são mais dóceis em relação ao *éthos*” (AAL, XVI, 1). Os asiáticos são menos belicosos e são despotizados, mas os europeus, sendo mais livres, lutam mais e com mais afinco, por defenderem os seus interesses, e não os de seus senhores. Essas e algumas outras diferenças fazem a distinção entre esses dois grupos, que têm as suas “sementes” geradoras modificadas pelo clima. Há, porém, uma variedade de povos asiáticos, que precisa ser entendida em suas particularidades, que são delineadas mais pelo *nómos* do que propriamente pela natureza. Na expressão do tratadista, “Na Europa, as tribos (*phýla*) são diferentes umas das outras, tanto nas estruturas quanto nas compleições, quanto nas virilidades” (AAL, XXIV, 1). E o mesmo ocorre

com a Ásia, onde teremos, finalmente, a alteridade sobre a alteridade, ou o que chamamos aqui de *alteridade interna*.

Por sobre todas essas formas de alteridade há uma forte influência do meio, no entender do médico tratadista. Assim, pode-se ler no penúltimo capítulo (23) do tratado:

τὸ δὲ λοιπὸν γένος τὸ ἐν τῇ Εὐρώπῃ διάφορον αὐτὸ ἐσωτῶ ἐστὶ καὶ κατὰ τὸ μέγεθος καὶ κατὰ τὰς μορφὰς διὰ τὰς μεταλλαγὰς τῶν ὥρέων, ὅτι μεγάλαί γίνονται καὶ πυκναί, καὶ θάλπεά τε ἰσχυρὰ καὶ χειμῶνες καρτεροὶ καὶ ὄμβροι πολλοὶ καὶ αὐτὶς αὐχμοὶ πολυχρόνιοι καὶ πνεύματα, ἐξ ὧν μεταβολαὶ πολλαὶ καὶ παντοδαπαί. (AAL, XXIII, 1)

A outra estirpe, a que se situa na Europa, é muito diversificada entre si, tanto no que concerne à estatura quanto no que diz respeito à compleição. Isso por causa das mudanças das estações, que são grandes e frequentes, do forte calor do sol, além dos invernos rigorosos, das chuvas abundantes e, de forma inversa, das estiagens prolongadas e dos ventos – nos quais as mudanças são numerosas e diversificadas.

Essa ideia é repetida no capítulo seguinte do tratado:

ἔνεισι δὲ καὶ ἐν τῇ Εὐρώπῃ φύλα διάφορα ἕτερα ἑτέροισι καὶ τὰ μεγέθη καὶ τὰς μορφὰς καὶ τὰς ἀνδρείας. τὰ δὲ διαλλάσσοντα ταῦτά ἐστιν, ἃ καὶ ἐπὶ τῶν πρότερον εἴρηται. ἔτι δὲ σαφέστερον φράσω. ὀκόσοι μὲν χώραν ὀρεινὴν τε οἰκέουσι καὶ τρηχεῖαν καὶ ὑψηλὴν καὶ ἔνυδρον, καὶ αἱ μεταβολαὶ αὐτοῖσι γίνονται τῶν ὥρέων μέγα διάφοροι, ἐνταῦθα εἰκὸς εἶδεα μεγάλα εἶναι καὶ πρὸς τὸ ταλαιπωρον καὶ τὸ ἀνδρεῖον εὖ πεφυκότα, καὶ τὸ τε ἄγριον καὶ τὸ θηριῶδες αἱ τοιαῦτα φύσιες οὐχ ἥκιστα ἔχουσιν. (AAL, XXIV, 1-2)

1. Na Europa as tribos são diferentes umas das outras, tanto nas estaturas, quanto nas compleições, quanto nas virilidades.¹⁴ Os fatores que produzem as mudanças são os que também já mencionei antes. Mas explicarei ainda mais claramente. 2. Os que habitam uma região montanhosa, apical, elevada e abundante em água e as mudanças das estações lhes ocorrem diferenciadas; nestes casos, é normal que tenham aparência de grandes e sejam naturalmente propícios para o esforço e para a virilidade; e tais naturezas não têm menos selvageria e animalidade.

Em outra passagem, anterior a essa, o autor sintetizara a ideia:

διὸ καὶ εὐψυχοτέρους νομίζω τοὺς τὴν Εὐρώπην οἰκέοντας εἶναι ἢ τοὺς τὴν Ἀσίην. ἐν μὲν γὰρ τῷ αἰεὶ παραπλησίῳ αἱ βᾶθυμιαί ἐνεισιν, ἐν δὲ τῷ μεταβαλλομένῳ αἱ ταλαιπωρίαὶ τῷ σώματι καὶ τῇ ψυχῇ. καὶ ἀπὸ μὲν ἡσυχίης καὶ βᾶθυμίας ἡ δειλίη αὐξεται, ἀπὸ δὲ τῆς ταλαιπωρίας καὶ τῶν πόνων αἱ ἀνδρεῖαι. (AAL, XXIII, 3)

14 A palavra *andréia* tem sido traduzida por ‘virilidade’; contudo, penso que aqui caberia advertir sobre as possibilidades sêmicas desse vocábulo, que, por vezes, tem o sentido que atribuímos à ‘coragem’.

Por isso, considero que os habitantes da Europa são mais animosos do que os da Ásia; pois, em (climas) quase iguais, há indolência; em (climas) que se modificam, há a vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranquilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade.

A demarcação das estações determinava, para o tratadista, não só o *êthos*, mas o que fosse genético, ou seja, a própria natureza particular do homem. Diz o autor do tratado que “as degenerações (αἱ φθοραὶ) maiores ocorrem na coagulação da semente (γόνος),¹⁵ nas mudanças das estações que se amiúdam ou quando as estações são próximas ou semelhantes” (AAL, 23, 2).

Assim, para o autor do tratado *Ares, águas e lugares*, as estações do ano regiam tanto o *êthos* quanto a qualidade da própria natureza particular. Mas, apesar disso, não se trata exatamente de um determinismo no sentido pleno, ou seja, em seu caráter inexorável, porquanto há certo poder de interferência humana nos efeitos das estações, ainda que as estações sejam o lado da *phýsis* que o homem não alcança.

De qualquer forma, o texto hipocrático servirá como uma espécie de *auctoritas* para todo um pensamento em que a etnicidade, por meio de condições climáticas e dos fatores naturais decorrentes dessas condições, indica – quando não determina – um *êthos*. É fato que pensadores de enorme ressonância, como Hippolyte Taine (1828-1893), seguindo a mesma ideia, inverteram a conclusão. Taine, para continuarmos no lastro de um inegável representante do determinismo ético, evocando o *Corpus hippocraticum*, entre outros textos da Grécia do IV e do V séculos a.C., postula que o conforto climático – ao contrário do que sustenta um “Hipócrates” que lhe serve também de autoridade – confere a um povo uma índole melhor. Nas palavras de Taine:

Um povo formado por semelhante clima [o clima ameno da Grécia] se desenvolve mais rápida e harmonicamente que outro qualquer, pois o homem não se encontra oprimido nem amolecido pelo excessivo calor, nem enrijecido ou congelado pelo rigor do frio. Não está condenado nem à inércia sonhadora nem ao exercício contínuo; não se alonga nas contemplações místicas nem na brutal barbárie. (TAINÉ, *Filosofia da Arte*, 4, 1, 1)

É curioso notar que, mesmo invertendo o raciocínio hipocrático acerca do papel do clima na formação do *êthos*, a Grécia, na obra de Taine, permanece em patamar superior no que poderíamos chamar de uma *axiologia ética*. O que fez Taine é deslocar o ponto de vista para a sua França, onde o clima lhe parece mais

15 Correspondente, talvez, à nossa ideia de ‘gameta’.

severo em relação à demarcação das estações do ano, e, assim, preserva-se a superioridade grega com a inversão dos valores:

AAL:

Clima ameno (estações não marcadas – Ásia) → mau *êthos*

Clima severo (estações marcadas – Europa) → bom *êthos*¹⁶

Taine:

Cima ameno (Grécia) → bom *êthos*

Clima severo (Europa “bárbara”) → mau *êthos*

Fica, assim, preservada de qualquer demérito a região que, desde o século V a.C., foi o epicentro da cultura grega em todas as circunstâncias. No *Corpus hippocraticum*, porém, há um fator de complexidade, o qual chamamos, noutra ocasião, de “alteridade interna”.¹⁷ Vale a pena, para tanto, repetir a citada assertiva do tratado *Ares, águas e lugares*: “Na Europa as tribos (*phýla*) são diferentes umas das outras, tanto nas estruturas quanto nas compleições, quanto nas virilidades” (AAL, XXIV, 1). Essa alteridade interna é também explicada pelas estações do ano, ou, antes, pela variação entre elas.

Propõem-se duas interpretações possíveis para essa alteridade interna: a primeira diz respeito a um plausível recurso para computar na conta da *phýsis* intangível, portanto da alçada divina, o status de superioridade requerido por cidadãos de determinadas *póleis* em detrimento dos de outras, o que envolve até mesmo possíveis belicosidade entre essas *póleis*. A outra interpretação se refere à teoria da identidade concêntrica ou centrífuga, em que a alteridade é caracterizada pela distância, assim como o grau de pertencimento. De acordo com essa segunda hipótese, poder-se-ia pensar num europeu mais asiático, assim como num asiático mais europeu. E, ainda assim, na base etiológica da diferença continuariam claramente as estações do ano, pelo critério da nitidez da distinção entre si.

No tratado *Ares, águas e lugares*, um longo trecho referente especificamente à diferença entre os europeus, a certa altura, responsabiliza a demarcação das estações até mesmo pela cor dos cabelos, e imediatamente pelo *êthos*:

ὁκόσοι δὲ λεπτά τε καὶ ἄνυδρα καὶ ψιλὰ, τῆσι μεταβολῆσι τῶν ὠρέων οὐκ εὐκρητα, ἐν ταύτῃ τῇ χώρῃ τὰ εἶδα εἰκὸς σκληρὰ τε εἶναι καὶ ἔντονα καὶ ξανθότερα ἢ μελάντερα καὶ τὰ ἦθεα καὶ τὰς ὀργὰς αὐθάδεάς τε καὶ ἰδιογνώμονας. (AAL, XXIV, 6)

16 O tratado *Ares, águas e lugares* (p. ex., em XXIV, 5) usa precisamente a expressão *agathòn êthos*, para expressar essa ideia.

17 CAIRUS & RIBEIRO, 2003.

Aqueles que habitam lugares de solo pobre, sem água, sem vegetação e de um clima nada temperado, graças às mudanças das estações do ano, nessa região, é normal¹⁸ que os aspectos sejam rijos, tonificados, mais para loiros do que para morenos, e os caracteres (*éthea*) e os sentimentos¹⁹ sejam arrogantes e independentes.

A *phýsis*, em geral, e as estações do ano, em particular, são agentes da construção de *êthos*, de identidades, portanto, mas de identidades étnicas. Aproximam-se, assim, *êthos* e *éthnos* pelo viés da *phýsis*, na trilha das *horai tôu éteos*, das estações do ano.

INCONCLUSÃO

O tempo e o clima encontram, em textos gregos do século V e IV a.C., sua expressão nas estações do ano, em estrutura binária ou quaternária. As mesmas estações marcam tanto a configuração linear do tempo quanto a cíclica, e, por serem mesmas as estações, também são por elas que se tecem as relações entre essas duas concepções temporais.

Uma certa literatura grega epidítica e apodítica de natureza primordialmente médica e historiográfica revela uma possibilidade interpretativa para as estações do ano para além do clima e da cronologia. Constrói, dessarte, tal literatura uma relação entre identidade atribuída²⁰ – expressa pelo conceito de *êthos* – (e, neste caso, atribuída a um *éthnos*) e a *phýsis*, esse conjunto de coisas que não dependem da *proáiresis*, de uma deliberação humana.

As estações do ano são eloquentes significantes relacionados à agência – e gerência – de uma *phýsis* que reivindica o *krátos*, o domínio, por meio de suas *dynámeis*, ou seja, de suas propriedades ativas. Tais propriedades ativas são moduladas pelas estações que também as traduzem em sua maior manifestação.

A identidade pode mesmo chegar a ser quase subordinada a essa força física, que, por isso e pela necessidade de uma saúde, exigem uma resposta em prol da civilização (que aqui se identifica com a cultura). Tal resposta vem pela vertente médica que, juntamente com a historiografia antiga, postula uma hermenêutica dos fenômenos climáticos, e, em especial, das estações do ano. Essa hermenêutica

18 A palavra traduzida por ‘normal’ aqui é εἰκόσ, a mesma, de resto, que a tradição latina traduziu, em Aristóteles, por *vero simile*.

19 Em grego, αἱ ὀργαί, que, noutros contextos, costuma ser traduzido por ‘as iras’.

20 O termo *êthos*, frequentemente traduzido por ‘caráter’, ‘tipo’ (quando se trata de teatro) e ‘costume’ ou ‘hábito’, é entendido aqui como ‘identidade atribuída’, em oposição à identidade assumida, que não está necessariamente suposta no termo.

é deliberadamente proposta com uma face determinista, para marcar e demarcar claramente o lugar de fala que postulará uma defesa da *tékhnē*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, Julieta. Δίαιτα ἀρτοφάγων: *a saúde põe a mesa entre os gregos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Dissertação de Mestrado.
- ARISTOTE. *Marche des animaux – Mouvement des animaux*. Texte établi et traduit par P. LOUIS. 2^e tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ARISTOTELIS. *De Arte Poetica Liber*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxi RVDOLFFVS KASSEL. Oxford: Oxford University Press, 1982 [1965].
- CAIRUS, Henrique Fortuna. *O vocabulário fisiológico do tratado hipocrático Da natureza do homem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas.
- _____. *Os limites do sagrado na nosologia hipocrática*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Tese de Doutorado em Letras Clássicas.
- _____. A alma do corpo e o corpo da alma entre os gregos antigos. *Calíope Presença clássica*. n. 15, p. 72-90, dez. 2006.
- _____. & ALSINA, J. A alimentação na dieta hipocrática. *Classica* (São Paulo), v. 20, n^o 2, p. 212-238, 2007.
- _____. & RIBEIRO, Tatiana Oliveira. *Asiáticos diferentes entre si: O Corpus hippocraticum e a alteridade interna*. Trabalho apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 2003. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/proaera>>. Acesso em: 13/07/2014.
- _____. & RIBEIRO JÚNIOR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico, a doença*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.
- DESCOLA, Philippe & PALSSON, Gísli (org.). *Nature and society. Anthropological perspectives*. London: Routledge, 1996.
- DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. vol. 1, 6th edn., Ed. Berlin: Weidmann, 1951, Repr. 1966. In: THESAURUS LINGUAE GRAECAE (TLG-E). Canon of Greek Authors and Works. Luci Berkowitz et alii. Irvine: University of Carolina, 2000.
- GALIEN / KÜHN, KARL GOTTLÖB (Ed.) *Galenii opera omnia*. Leipzig: Car. Knoblochii, 1821-1833. BIU Santé (Paris). Disponível em: <<http://www.biusante.parisdescartes.fr/histmed/medica/cote?45674>>. Acesso em: 07/06/2014.
- GUILIELMI PISONIS. *De medicina brasiliensi*. Libri quatuor: I. De aëre, aquis, & locis. In: DE LAET, Ioannes. *Historia naturalis Brasiliae: auspicio et beneficio illustriss. I. Mauritii com. Nassao. Lugdum Botavorum, 1648*. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000119635>>. Acesso em: 27/10/2013.

- HEINIMANN, Felix. *Nomos und physis. Herkunft und Bedeutung einer Antithese im griechischen Denken des 5. Jahrhunderts*, Schweiz. Beitr. z. Altert. Wiss., H. 1 Basel, 1945. (Versão de Mauro Engelmann).
- HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Ph.-E. LEGRAND. Paris: Les Belles Lettres, 1956. 11 vols.
- HIPPOCRATES. With an english translation by W.H.S. JONES and E.T. WITHINGTON. London/Cambridge: Loeb Classical Library, 1923-92.
- HOMERE. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul MAZON. Tome I. Paris: Les Belles Lettres, 1987 [1937].
- JOLY, Robert. *Le niveau de la science hippocratique*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- _____. Platon, Phèdre et Hippocrate: vingt ans après. In: *La collection hippocratique et son rôle dans la médecine*: Colloque Hippocratique de Strasbourg. Liège: E.J.Brill, 1975, p. 407-421.
- JOUANNA, Jacques. Rhétorique et médecine dans la collection hippocratique: contribution à l'histoire de la rhétorique au V^e siècle. *Revue des études grecques*, n° 97, p. 26-44, 1984.
- _____. Ippocrate e il sacro. *Koinônia* (12). Milano, p. 91-113, 1988.
- _____. *Hippocrate*. Paris: Fayard, 1992.
- _____. La naissance de l'art médical occidental. In: GRMEK, Mirko D. (org.) *Histoire de la pensée médicale en Occident: Antiquité et Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1995, p. 25-66.
- _____. & BOUDON, V. Remarques sur la place d'Hippocrate dans la pharmacologie de Galien. In: DEBRU, A. *Galen on Pharmacology: Philosophy, History and Medicine*. Leiden: Brill, 1997, p. 213-234.
- _____. L'Interprétation des rêves et la théorie micro-macro-cosmique dans le traité hippocratique Du régime: sémiotique et mimesis. In: *Text and Tradition: Studies in Ancient Medicine and Its Transmission Presented to Jutta Kollesch*, ed. Klaus-Dietrich Fischer, Diethard Nickel, & Paul Potter. Leiden: Brill, 1998, p. 161-174.
- _____. *Greek medicine from Hippocrates to Galen*. Leiden/Boston: Brill, 2012.
- LASKARIS, J. *The art is long: On the Sacred Disease and the Scientific Tradition*. Leiden: Brill, 2002.
- LASSERRE, F. (Ed.) *Formes de pensée dans la collection hippocratique*. Geneva: 1983.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LLOYD, G. *Origines et développement de la science grecque*. Paris: Flammarion, 1990.
- MOLLO, Helena Miranda. *O círculo e a linha: o conceito de tempo em Eurípidés*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Tese de Doutorado.
- OEUVRES complètes d'Hippocrate*. Traduction, introduction et notes philologiques par Émile LITTRÉ. Paris, Académie Royale de Médecine, tome I, 1839; tome II, 1840; tome IV, 1844; tome VI, 1849; tome VII, 1851; tome VIII, 1853; tome IX, 1861a; tome X, 1861b.
- PIGEAUD, Jackie. *Folie et cures de la folie chez les médecins de l'antiquité gréco-romaine: la manie*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

- _____. *Nature et culture dans l'Éthique a Nicomaque d'Aristote*. Conferência proferida na X Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo, 1997. [Publicação restrita ao Congresso]
- PINDARE. *Néméennes*. Tome III. Texte établi et traduit par A. PUECH. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- PLATON. *Phedre*. Texte établi et traduit par Léon ROBIN. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- RIBEIRO, Tatiana Oliveira. *A apódexis herodotiana: um modo de dizer o passado*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Tese de Doutorado.
- ROTHWELL, K. *Nature, culture and the origins of Greek comedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SNELL, Bruno & MAHLER, Herwig. *Pindari carmina: Epinicia*. Leipzig, 1987.
- TAINÉ, Hippolyte. *Philosophie de l'art*. Textes présentés et annotés par Jean-François REVEL. Préface de Roger BRUYERON. Paris: Editions Hermann, 2009 [1882].
- THIVEL, A. & ZUCKER, A. (Eds.) *Le normal et le pathologique dans la Collection hippocratique*. Nice: 2002.
- THOMAS, Rosalind. *Prose Performance Texts: Epideixis and Written Publication in the Late Fifth and Early Fourth Centuries*. In: YUNIS, Harvey (ed.). *Written Texts and the Rise of Literate Culture in Ancient Greece*. Cambridge: CUP, 2003, p. 162-188.
- THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Texte établi et traduit par Jacqueline de ROMILLY. Livre II. Paris: Les Belles Lettres, 1991 [1962].
- VAN DER EIJK, Philip. (Ed.) *Hippocrates in context*. Leiden: Brill, 2005.
- _____. *Towards a rhetoric of ancient scientific discourse*. In: BAKKER, E. J. (Ed.) *Grammar as interpretation: Greek literature and its linguistic contexts*. Leiden: Brill, 1997, p. 77-129.
- VITRUVIO POLLIO. *Tratado de arquitetura*. Tradução, introdução e notas de M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 30.09.2014

Aceito em 10.12.2014